

# O podcast Entrelínguas como ferramenta de internacionalização

*The podcast Entrelínguas as an internationalization tool*

**Ana Cristina Pinto Bezerra**  

cristina.bezerra@ifrn.edu.br

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN

**Wigna Thalissa Guerra**  

wigna.guerra@ifrn.edu.br

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN

**Sabrina Guedes Miranda Dantas**  

sabrina.guedes@ifrn.edu.br

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN

## Resumo

Ações de internacionalização são, geralmente, observadas como atividades restritas a uma mobilidade geográfica dos indivíduos. Contudo, em um cenário marcado pela era virtual, sobressai o questionamento se é possível desenvolver a internacionalização a partir da presença de ferramentas digitais. Neste artigo, busca-se analisar se seria possível desenvolver ações de incentivo à internacionalização no ensino médio, mais particularmente no contexto da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica do Brasil, ao mesmo tempo em que se investiga de que maneira tais ações poderiam instigar um olhar mais plural sobre o ensino de línguas (tanto no que se refere ao vernáculo quanto às línguas estrangeiras). Para tanto, parte-se da observação do podcast Entrelínguas como uma ação de internacionalização, em que são discutidos os aspectos linguísticos do Português, do Inglês e do Espanhol, considerando-se as questões inerentes ao ensino de línguas em um mundo globalizado, por meio de um diálogo, inclusive, com membros da comunidade internacional. Para subsidiar o estudo, as leituras de Knight (2003; 2004; 2020), Freire (2013), Moita Lopes (2013), dentre outros, foram relevantes para refletir sobre os aspectos da internacionalização, da própria ferramenta do podcast e do ensino de línguas conectados com as demandas comunicativas da contemporaneidade. Procurou-se compreender de que maneira o Entrelínguas responderia aos questionamentos expostos, analisando-se a apropriação educativa de tal produção no cenário da educação profissional. Com um total de 690 reproduções, o Entrelínguas obteve audiência em países diversos e pôde ser visto como uma ponte linguística, um recurso para instigar a internacionalização a partir do ambiente escolar.

## Palavras-chave

Internacionalização. Ensino de línguas. Podcast.

### FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 31/05/2022

Aprovação do trabalho: 27/07/2022

Publicação do trabalho: 19/08/2022

 10.46230/2674-8266-14-8378

### COMO CITAR

BEZERRA, Ana Cristina Pinto; GUERRA, Wigna Thalissa; DANTAS, Sabrina Guedes Miranda. O podcast Entrelínguas como ferramenta de internacionalização. **Revista Linguagem em Foco**, v.14, n.1, 2022. p. 75-94. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/8378>.

Distribuído sob



Verificado com

**Plagius**  
Detector de Plágio

**Abstract**

Internationalization actions are usually perceived to be limited to a geographical mobility of individuals. However, considering the context of the virtual era in which we are living in, is it possible to develop internationalization through the use of digital tools? This study aims to analyze the possibility of developing actions to foster internationalization in Secondary Education, more specifically in the context of the Federal Network of Vocational, Scientific and Technological Education, as well as investigates how these actions could promote a more plural perspective on the teaching of languages (considering both vernacular and foreign languages). Thus, the podcast *Entrelínguas* is understood as an internationalization action, in which linguistic aspects of Portuguese, English and Spanish are discussed, considering issues related to the teaching of languages in a globalized world, through dialogues with members of the international community. Our theoretical background is based on the works of Knight (2003; 2004; 2020), Freire (2013), Moita Lopes (2013), among others. These studies led us to reflect upon the aspects of internationalization, the podcast tool itself and the teaching of languages connected to the communicative demands of contemporaneity. The investigation aimed to understand how the *Entrelínguas* podcast could answer the aforementioned questions, by analyzing the educational appropriation of it. With a total of 690 plays, the podcast was listened to in a number of different countries and could be seen as a linguistic bridge, a resource that may foster internationalization from the school environment.

**Keywords**

Internationalization. Languages Teaching. Podcast.

**Introdução**

Em uma leitura proveniente do senso comum, realizar ações que visam à internacionalização, no âmbito educacional, implica desenvolver práticas que promovam mobilidade entre os sujeitos envolvidos, a exemplo dos programas de intercâmbio em que professores e, às vezes, alunos saem de seus países de origem para estudar em outros lugares por um período específico. Outrossim, geralmente, enxerga-se como foco de tais ações “somente” um público acadêmico que faria parte do ensino superior. Dessa forma, destacam-se alguns questionamentos: é possível realizar ações de internacionalização sem, necessariamente, resultar em um deslocamento dos indivíduos alvos de tais práticas? Há caminhos para o estímulo de experiências interculturais das quais alunos do ensino médio também possam fazer parte? Enfim, “Qual o papel das relações internacionais no que se refere à educação pública, profissional e tecnológica no Brasil?” (BRASIL, 2017, p. 11).

O último questionamento foi apresentado no documento intitulado “Levantamento das Ações de Internacionalização da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica e os Resultados do Grupo de Trabalho de Políticas de Internacionalização”, publicado em 2017, como parte do plano de políticas públicas de desenvolvimento institucional com vistas à internacionalização. O próprio documento apresenta respostas que vão de encontro ao que se observa no senso comum, em que as relações internacionais no âmbito da educação pública, profissional e tecnológica permitem “troca de experiências exitosas; visão geral

de mundo; habilidades específicas; necessidade de mudança nos projetos educacionais (formação de trabalhadores que atendam a um novo panorama mundial)” (BRASIL, 2017, p. 11). Nesse sentido, de acordo com Cavalcante *et al.* (2015, p. 96), ações de internacionalização dentro dos IFs terão “um alcance muito além do ensino, pesquisa e extensão – tripé no processo ensino e aprendizagem. Em outras palavras, a Internacionalização tornar-se-á uma estratégia de desenvolvimento social, econômico e político e, sobretudo, institucional”.

Dentro das possibilidades, podemos pensar aqui, também, a discussão sobre o conceito de Internacionalização em Casa (do inglês *Internationalization at Home*, doravante IaH) (BEELEN; JONES, 2017), que pode vir a ser uma saída para a promoção de atividades interculturais, pensando em um ambiente escolar que possa desenvolver ações de internacionalização para estudantes que não tenham acesso a oportunidades de mobilidade internacional, mas que podem participar de ações internacionais em espaços de aprendizagem domésticos.

Diante da amplitude do escopo apresentado, a abertura de novos horizontes no cenário da internacionalização não se restringe a ações de mobilidade, podendo envolver situações em que alunos, servidores e comunidade externa estejam em diálogo, construindo conhecimentos em um outro tipo de intercâmbio, no qual a troca de saberes é interligada a um olhar mais amplo sobre a língua, entendendo que também esta suscita alguns questionamentos, os quais fazem parte desta análise. Isso seria perceptível, seja no olhar dedicado ao ensino de línguas estrangeiras, a exemplo do Espanhol e do Inglês, em que saltam indagações de como estimular a reflexão sobre tais línguas no ensino médio para que elas não fiquem reduzidas a uma lista de palavras e ao vocabulário; seja no próprio direcionamento dado ao vernáculo e a questão problemática de como ultrapassar a concepção fortemente veiculada e defendida de uma única língua para as situações de fala e escrita (GUEDES, 2006, p. 12). Nesse sentido, sobrevém a indagação: de que maneira as ações de internacionalização podem suscitar um olhar mais plural sobre o ensino de línguas (tanto a vernácula quanto as estrangeiras)?

A necessidade de ações que permitam uma leitura mais abrangente sobre o ensino de línguas ancora-se, inclusive, em uma das competências específicas da área de Linguagens e suas Tecnologias para o Ensino Médio, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas,

bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2018, p. 481).

Por esse liame, a possibilidade de um diálogo sobre esse fenômeno, envolvendo o conhecimento das línguas estrangeiras e do idioma materno, seus usos em contextos culturais específicos, além da própria reflexão sobre o que comporia ações de internacionalização, fez parte da composição do podcast *Entrelínguas*, como produto de um projeto de extensão no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)<sup>1</sup>. Tal ação foi considerada uma via relevante para ampliar, por exemplo, as possibilidades de acesso aos programas e projetos de formação científica e acadêmica no âmbito desse estabelecimento de ensino, em suas parcerias com instituições internacionais para alunos, servidores, além do diálogo com a comunidade em geral. Ademais, o próprio despertar para a importância desse entendimento plural sobre as línguas, citado antes, compreendia um dos objetivos da produção por trazer à tona aspectos eventualmente negligenciados nos espaços educativos, os quais acabam por engessar julgamentos sobre os falantes das línguas citadas, reforçando preconceitos que, muitas vezes, desvinculam-se da comunicação efetiva na sociedade globalizada. Nessa medida, a fim de analisar mais detidamente a própria apropriação educativa da ferramenta em foco no caso do *Entrelínguas* e a via construída para a internacionalização, esta análise foi dividida em quatro momentos distintos que se integram à perspectiva de considerar o podcast como uma forma de ir além dos espaços considerados formais de ensino, interligando pessoas em uma troca profícua de conhecimentos. Para tanto, é necessário compreender, inicialmente, os motivos que desencadearam a eleição de tal tecnologia da oralidade como o suporte comunicativo que poderia viabilizar ações de internacionalização, as quais, realizadas no âmbito da educação profissional, poderiam ser desenvolvidas em outras redes de ensino nacionais e, quiçá, internacionais, assunto este discutido na segunda seção. Tal perspectiva residiria nas potencialidades da própria ferramenta, aspecto a ser destacado a seguir.

## **1 A eleição do podcast para a elaboração do *Entrelínguas***

A ferramenta que compôs o meio para a realização do *Entrelínguas* carac-

<sup>1</sup> O projeto intitulado “*Entrelínguas*: a produção de um podcast educativo para o ensino de línguas” foi submetido ao edital nº 09/2021-PROEX/IFRN para apoio a ações de internacionalização, sendo aprovado nesse edital e finalizado no início de 2022. É possível ter acesso aos episódios do *Entrelínguas* por meio do seguinte link: <https://anchor.fm/entrelinguasnolic>.

teriza-se por ser uma via para divulgação de programas de áudio na internet, empregando, em boa parte das situações, arquivos MP3, os quais podem ser ouvidos on-line via *streaming* ou baixados para o computador ou tocador de áudio digital do usuário. Um número significativo dessas produções dá-se por meio de falas dos participantes, o que propicia exposições de conteúdos, relatos de acontecimentos, bate-papos ou debates informativos sobre temas mais diversificados. Nesse sentido, a presença de músicas figura, geralmente, como um adicional, um plano de fundo ao conteúdo falado, já que este seria o cerne do podcast. Essa tecnologia, atualmente, vem sendo apropriada como uma forma de publicação muito utilizada por diversas pessoas e empresas ao redor do mundo para divulgar materiais variados, assim como acaba sendo aproveitado por algumas universidades que disponibilizam aulas nesse formato, trazendo-o para o contexto educativo formal.

É válido ressaltar que, uma vez disponibilizado, o podcast pode ser baixado como qualquer outro arquivo por meio de um clique, assim como também possibilita uma recepção periódica de modo automatizado por meio de um sistema de *RSS*. Segundo Freire (2013, p. 59-60, grifos no original), “essa função, que habilita a possibilidade de assinatura de um *podcast* e, igualmente, colabora ao estabelecimento de uma periodicidade em sua publicação, foi o critério original a diferenciar qualquer postagem de áudio em um *blog*” da ferramenta em foco aqui. O paralelo entre esses meios não é inadequado, visto que a origem do podcast é associada ao blog, principalmente, quando se observa que os audioblogs compunham, por volta dos anos 2000, um via de disponibilização em formato MP3 de gravações em áudio relativas aos conteúdos das postagens nos blogs.

É nesse contexto que nasce o podcast, como um recurso que buscava facilitar a distribuição por demanda de arquivos de áudio digital, fazendo com que aquele fosse considerado uma tecnologia livre, o que já seria um traço que facilitaria a relação entre tal ferramenta e o seu uso para fins educativos. O vocábulo *podcast* foi usado pela primeira vez pelo jornalista Ben Hammersley em um artigo do jornal inglês *The Guardian*, em fevereiro de 2004. A partir disso, essa tecnologia avançou rapidamente, incluindo tanto produções amadoras quanto de grandes empresas de informação que viram no podcast uma forma de, satisfatoriamente, distribuir, sob demanda, seus conteúdos. No Brasil, de acordo com Luiz e Assis (2010, p. 3), a primeira produção em podcast ocorreu em outubro de 2005, na forma do já descontinuado *Digital Minds*, de Danilo Medeiros. Nos meses seguintes, ocorreu o crescimento gradual desse cenário, resultando na formação da *podosfera*, cenário nacional de exercício do podcast.

A escolha de tal ferramenta não se deu de forma aleatória para a produção do *Entrelínguas*, já que foi considerada, por um lado, a criação de um espaço de conversas sobre questões linguísticas, enfatizando-se a oralidade nesse contexto, de forma a aproximar ainda mais o público do enfoque principal das línguas em funcionamento. Por outro lado, entendeu-se a viabilidade do estabelecimento de um debate não só com uma audiência ampla, já que o podcast poderia ser disponibilizado a pessoas de outros países, uma vez distribuído nas plataformas de *streaming*, mas também pela possibilidade de realizar diálogos, sem depender de questões de mobilidade, com convidados que estejam em outras nações, por exemplo, ou que, de um modo geral, tenham algo a contribuir com suas experiências sobre o assunto, participando remotamente dos episódios. Esse aspecto pode configurar uma oportunidade de utilização da ferramenta em variados cenários educativos para além, inclusive, do contexto nacional, uma vez que fronteiras geográficas, linguísticas e sociais poderão ser amplificadas pela tecnologia da oralidade citada.

Outros aspectos que também foram elencados para a seleção de tal recurso como uma via de incentivo à internacionalização dizem respeito às características singulares da forma de consumo do podcast. A natureza midiática deste propicia ao público uma maleabilidade no espaço e no tempo do ouvinte, que pode realizar a escuta do programa em situações de atenção dividida, seja efetuando atividades que requeiram pouca atenção, como tarefas domésticas, seja em situações de deslocamentos físicos ou motorizados no extenso trânsito do dia a dia, típico da atualidade.

O exposto ajuda a respaldar a eleição dessa tecnologia em detrimento de produções em vídeo, por exemplo, para a realização do *Entrelínguas*. Isso se deu graças à compreensão de que o uso do áudio, se comparado ao vídeo, facilitou o processo de produção, já que aquele dispensa a organização de cenários e produção visual, além de contribuir para a desinibição por parte dos falantes, pois estes não teriam de expor sua imagem em tela, algo que pode ser desconfortável e demandar bastante preparação visual para muitos. Além disso, há a visão de que produções em vídeo não são passíveis de serem utilizadas durante a realização de outras tarefas, assim como é insensato pensar em assistir vídeos, em aparelhos móveis, em diversas situações de deslocamento, seja por indivíduos que caminham ou que dirigem. Tal restrição não se aplica à audição de conteúdos digitais orais, que demandam apenas o uso de fone de ouvido com um aparelho oculto em bolsas ou na própria vestimenta dos ouvintes.

Por último, sintonizada com uma leitura dos estudos linguísticos a partir de

práticas interacionais situadas, a escolha de um podcast como via para promover a internacionalização emerge também do estímulo a uma comunicação maior com os ouvintes dos episódios, seja por meio da elaboração de enquetes sobre as pautas do programa, seja por meio dos comentários feitos sobre os conteúdos discutidos, além de perguntas e sugestões que poderiam ser encaminhadas por meio das páginas que foram utilizadas para a divulgação do Entrelínguas. Isso estimula a imagem do processo como algo, de fato, vivo e democrático, tendo em vista o podcast como uma ferramenta contra-hegemônica. Diante do exposto, é possível discutir, a partir deste momento, sobre o que envolve a internacionalização, principalmente, no contexto da Rede Federal de Educação Profissional.

## 2 O que seria internacionalização no contexto do IFRN?

Discussões sobre a internacionalização das instituições de ensino superior vêm crescendo nas últimas décadas. Knight (2020) pontua visões recentes em relação às ações de internacionalização do ensino superior, mostrando os dois lados da moeda: de um lado, o aumento de atividades internacionais, como a mobilidade estudantil, discussões sobre interculturalidade e formação global e, do outro lado, a possibilidade de desenvolvimento de novas formas de imperialismo. O processo de internacionalização das universidades brasileiras vem sendo discutido em vários estudos recentes (GUIMARÃES, *et.al.*, 2019; FINARDI, *et.al.*, 2020). Contudo, como a internacionalização vem desenvolvendo-se nos institutos federais brasileiros? De acordo com Silva, Moreira e Camilo (2018, p. 465):

No âmbito das instituições de ensino da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT), o processo de internacionalização tem sido pouco estudado. Embora esse processo esteja em pleno desenvolvimento nessas instituições, os seus resultados ainda não têm sido amplamente divulgados.

Apesar de pouco discutido, os IFs brasileiros já estão em um movimento de promoção da internacionalização considerando os tripés da instituição: ensino, pesquisa e extensão. Silva, Moreira e Camilo (2018) apontam para ações desenvolvidas no IFRN, campus Canguaretama, nos cursos técnicos integrados em informática e cursos de graduação, bem como os caminhos percorridos para o recebimento de um estudante da comunidade internacional no mesmo campus.

Mas, para iniciar a discussão, é possível perguntar: o que é internacionalização? Knight (2004, p. 5, tradução nossa) diz que “apesar de estar sendo encorajador ver o crescente uso e atenção dada a internacionalização, há uma grande

confusão em relação ao que realmente isso significa”<sup>2</sup> e traz uma espécie de percurso histórico do significado de internacionalização, apresentando sua definição do ano anterior. Nela, entende-se a internacionalização como “o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global dentro dos propósitos, funções e ofertas de educação superior”<sup>3</sup> (KNIGHT, 2003, p. 2, tradução nossa). Isto é, realça-se a leitura de que a implementação de ações de internacionalização acontecem de forma processual, envolvendo diferentes nações e pensando suas diversidades culturais, dentro das ofertas educacionais.

No contexto mais específico dos IFs, de acordo com a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC),

Entende-se por internacionalização do ensino profissional e tecnológico o conjunto de ações com vistas à prospecção e desenvolvimento de parcerias alinhadas ao ensino, pesquisa, extensão e ao arranjo produtivo local para oferta de educação de qualidade, formando uma comunidade acadêmica consciente da cidadania global, capaz de compreender, articular e contribuir com os contextos local, regional e global (BRASIL, 2017, p. 52).

Portanto, faz parte das atribuições da SETEC o planejamento e implementação de políticas públicas que promovam parcerias entre os sistemas educacionais e agentes sociais parceiros. Nesse sentido, para além das atividades de ensino, pesquisa e extensão aliadas à formação integral dos sujeitos, realizadas nos âmbitos locais, estaduais, regionais e nacionais, ações de internacionalização devem fazer parte das atividades das instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT). Tais ações, alinhadas com a imagem de uma “cidadania global”, podem vir a ser frutos da criação de novos produtos que permitam, justamente, a abertura de horizontes educativos por meio da consideração das línguas (materna e estrangeira) em uma dimensão intercultural.

Já Lima (2021) analisa seis documentos norteadores dentro, especificamente, do IFRN, sendo eles: o Projeto Político Pedagógico, a Organização Didática, o Plano de Desenvolvimento Institucional (2014-2018; 2019-2026), o Regimento Interno da Reitoria e o Relatório de Gestão (2019). O autor explica que suas escolhas são realizadas no intuito de se compreender o que se entende por internacionalização nos principais documentos do IFRN. Lima, então, advoga em nome de uma internacionalização mais plural, que não se restrinja a poucos e

2 Do original: “Although it is encouraging to see the increased use and attention being given to internationalization, there is a great deal of confusion about what it means”.

3 Do original: “the process of integrating an international, intercultural, or global dimension into the purpose, functions or delivery of postsecondary education”.

determinados atores de determinadas regiões, deixando claro que

a internacionalização da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica precisa constituir uma responsabilidade institucional para a promoção de parcerias internacionais para desenvolver potenciais regionais, gerar conhecimento e produzir impacto social em um processo dialógico, democrático, sistêmico que dê visibilidade às vozes de diferentes *campi*, respeitando suas particularidades (2021, p. 11, tradução nossa).<sup>4</sup>

Knight (2020, p. 178, tradução nossa) entende também que “o respeito ao contexto, cultura, prioridades e história locais são fundamentais para a internacionalização”<sup>5</sup>. Assim, parte-se da compreensão de que a internacionalização deve ser realizada em um movimento de “glocalização” (FINARDI; SEMBIANTE; AMORIM; VERONEZ, 2020) que vai além de locais (já) privilegiados, como os grandes centros e capitais, tornando possível sua interiorização para os *campi* mais afastados, gerando oportunidades para estudantes de áreas que se encontram distantes de onde tais processos ocorrem (mais) comumente.

Pensando especificamente nos *campi* interioranos do IFRN, algumas estratégias podem ser adotadas para a expansão da internacionalização. Beelen e Jones (2017, p. 69, tradução nossa) definem a IaH como sendo “a integração intencionada das dimensões internacionais e interculturais nos currículos formais e informais para todos os estudantes dentro de ambientes de aprendizagem domésticos”<sup>6</sup>. Os autores entendem a IaH como sendo uma forma de fazer com que estudantes que não possuem oportunidades de realização de mobilidade internacional possam desenvolver ações de internacionalização dentro de seu próprio país, considerando, por exemplo, que “soluções tecnológicas podem assegurar acesso igualitário a oportunidades de internacionalização para todos os estudantes”<sup>7</sup> (2017, p. 64, tradução nossa), algo que se demonstrou possível com a produção de um podcast educativo. Apesar de as discussões dos autores serem dedicadas à internacionalização no contexto universitário, é possível pensar, discutir e viabilizar o desenvolvimento da IaH dentro dos Institutos Federais.

4 Do original: “the internationalization of the Federal Network for Professional, Scientific and Technological Education must constitute an institutional responsibility for fostering international partnerships to develop regional potentials, generate knowledge and produce social impact in a dialogical, democratic, systemic process that gives visibility to the voices from different campuses, respecting their particularities”.

5 Do original: “Respect for local context, culture, priorities, and history are fundamental to internationalization”.

6 Do original: “Internationalization at Home is the purposeful integration of international and intercultural dimensions into the formal and informal curriculum for all students within domestic learning environments”.

7 Do original: “technology-based solutions can ensure equal access to internationalization opportunities for all students”.

Falando ainda em internacionalização dos IFs, Stallivieri *et al.* (2019) trazem um panorama sobre os IFs brasileiros considerando aspectos da gestão. Uma das questões abordadas pelos autores é a criação das pastas voltadas à internacionalização. Tal criação é prevista na Política de Internacionalização dos IFs do Fórum de Relações Internacionais dos Institutos Federais (FORINTER), que diz ser “necessária a implantação de Assessorias de Relações Internacionais, ligadas diretamente às Reitorias dos Institutos” (FORINTER, 2009, p. 7). O documento prevê, ainda, o treinamento da equipe que compõe as assessorias e entende ser importante que os membros componentes tenham experiência com a internacionalização e que possuam conhecimento de línguas estrangeiras.

Dentro do IFRN, a Assessoria de Relações Internacionais (ASERI) está diretamente ligada à Pró-Reitoria de Extensão (PROEX). Em 2021, instituiu-se as Assessorias de Relações Internacionais (ARI) de cada *campi*, em que um servidor assume a função de apoio à gestão. O PDI da instituição, analisado por Lima (2021), prevê o desenvolvimento da internacionalização considerando indicadores que vão desde a mobilidade internacional de servidores e discentes até a participação em eventos internacionais. Por esse liame, observou-se que o *Entrelínguas*, em seu formato, responde ao “Índice de mobilidade internacional - pessoal recebido”, pois em sua primeira edição contou com a participação de três convidados da comunidade internacional.

### **3 Como a internacionalização pode ampliar o olhar sobre o ensino de línguas estrangeiras e a vernácula?**

Para iniciar esta seção, retoma-se o questionamento trazido na introdução deste artigo: há caminhos para a promoção de experiências interculturais das quais alunos do ensino médio também possam fazer parte? Há espaço para a internacionalização nesses caminhos? É possível internacionalizar em Língua Portuguesa também? Para discutir essas indagações, será focalizado um relato de como três episódios do *Entrelínguas* podem suscitar discussões sobre a língua estrangeira (Inglês) e a materna (Português) no âmbito da sala de aula.

Assim, a primeira proposta a ser discutida foi o uso do episódio “*Keep Calm* e será que o inglês é contagioso?” como ferramenta pedagógica nas aulas de Inglês. Faz-se referência a um momento que aconteceu durante o ensino remoto em uma turma do primeiro ano do ensino médio integrado do IFRN, em 2022. Embora o podcast não tenha sido apresentado na língua estrangeira, compreende-se que, ainda assim, seria possível utilizá-lo para atender, por exemplo, aos

objetivos das relações internacionais apontados pelo levantamento da RFEPCT (BRASIL, 2017) como sendo uma oportunidade de prover aos alunos uma visão geral do mundo por meio de discussões e reflexões sobre a língua do outro e sua própria língua, já que convidados de outros países estiveram presentes nos episódios.

No estudo realizado por Hasan e Hoon (2013, p. 130, tradução nossa), os efeitos do uso do podcast nas aulas de línguas são majoritariamente positivos, pois esses recursos “fornecem aos professores possibilidades de facilitar a aprendizagem de línguas e também desafiar os métodos tradicionais de ensino e aprendizagem”<sup>8</sup>. Nessa pesquisa, Hasan e Hoon (2013) fizeram uma revisão de trabalhos publicados entre 2007 e 2011, categorizando os resultados das pesquisas em dois grupos: os efeitos do podcast nas habilidades linguísticas dos alunos e as percepções dos alunos em relação ao podcast.

As habilidades linguísticas desenvolvidas pelo uso do podcast como atividades complementares foram as de compreensão auditiva, pronúncia, conhecimento gramatical e de vocabulário, no tocante ao ensino de língua estrangeira. Quanto às percepções e atitudes dos alunos, as conclusões foram as de que o uso do podcast tem um efeito positivo quanto à disposição dos discentes em aprenderem um outro idioma, os aprendizes sentem-se mais confiantes e motivados a estudar outras línguas fora do horário de aula, além de reduzir a ansiedade em relação ao uso da língua. Para além dessas atitudes positivas, ainda destacam-se outras duas: o senso de pertencimento a uma comunidade de aprendizado e o desenvolvimento de estratégias múltiplas para o aprendizado de línguas (HASAN; HOON, 2013). Ao possuírem autonomia para ouvir, pausar, repetir quantas vezes forem necessárias, compartilhar os episódios por meio das plataformas de *streaming*, participar das discussões sobre as temáticas em pauta, os alunos/ouvintes podem desenvolver as atitudes positivas citadas no estudo.

Os resultados desta pesquisa destacam fatores predominantemente positivos sobre os efeitos do uso do podcast, no entanto eles estão estritamente relacionados a fatores linguísticos como o desenvolvimento de compreensão auditiva e de pronúncia. O objetivo aqui focalizado está um pouco mais relacionado aos achados referentes às percepções dos alunos, por exemplo, quando se insere a audição de um episódio como atividade, aqueles têm mais horas, fora da sala de aula, para contato com assuntos relacionados à língua.

O episódio 3 “*Keep Calm e será que o inglês é contagioso?*” apresentou

---

8 No original: “provide teachers with the possibilities of facilitating language learning and also challenge the traditional teaching and learning methods”.

como tema principal os estrangeirismos, mais especificamente os anglicismos, e a presença deles tanto no Brasil quanto em Portugal em situações comunicativas diversas. Por se tratar de uma turma de primeiro ano, os alunos já dispunham de conhecimento básico sobre o gênero discursivo charge. Assim, utilizando o episódio 3 do podcast como texto motivador, foi proposta a criação colaborativa de uma charge concordando ou discordando do uso de anglicismos pelos falantes de português brasileiro.

A proposição dessa atividade concorda com os resultados publicados por Lee (2009) e Lee e Markey (2014) em tarefas desenvolvidas com alunos utilizando podcasts e outras tecnologias da Web 2.0, como o Twitter e blogs para o ensino de línguas, dentro do que descrevem como um projeto hispano-americano, com grupos de alunos americanos e espanhóis, em uma tentativa de promover entre os estudantes experiências interculturais significativas. De acordo com os autores, o uso das ferramentas em um contexto de colaboração entre alunos de diferentes nacionalidades levou-os não só a desenvolver habilidades na língua-alvo, mas promoveu reflexões acerca de questões interculturais, fazendo com que aqueles, por exemplo, voltassem o olhar, também, para suas crenças e formas de agir em relação à sua própria cultura.

Como já mencionado, o podcast *Entrelínguas* foi criado com o propósito de desenvolver ações de internacionalização no campus em meio a uma pandemia, em que a ideia de mobilidade estava completamente fora do cenário. Nesse sentido, a criação de um episódio em que uma professora de Língua Inglesa em Portugal fala sobre suas experiências dentro e fora de sala de aula e a mobilização desse produto como estímulo para discussões em salas de aulas de Inglês no Brasil cumprem o papel de destaque apontado por Belen e Leask (2015, p. 64, tradução nossa) sobre ações de IaH em que esta “não é um objetivo ou um conceito didático em si mesmo, e sim um conjunto de instrumentos e atividades ‘em casa’ que têm como propósito desenvolver competências internacionais e interculturais em todos os estudantes”<sup>9</sup>.

Apesar do fato dos programas serem produzidos por falantes de Português, especialmente aquele em que se tratava do Inglês, todas as questões linguísticas discutidas trazem aspectos pedagógicos e sociais que podem estar relacionados a todos os sujeitos envolvidos. Assim, por que não inserir essas produções na sala de aula, espaço em que todas essas discussões convergem?

Logo, mesmo não sendo um podcast conduzido, em sua totalidade, nas

---

9 No original: “is not an aim or a didactic concept in itself, but rather a set of instruments and activities ‘at home’ that aim to develop international and intercultural competences in all students”.

línguas estrangeiras, Inglês e Espanhol, há a percepção de que os ouvintes poderão ser beneficiados pelas discussões propostas, apropriando-se dos efeitos positivos do uso do podcast nas habilidades linguísticas e nas possíveis reflexões sobre questões de interculturalidade, processos de internacionalização que as discussões podem gerar. O exposto ancora-se também na leitura de uma dimensão mais ampla acerca dos falantes de Língua Portuguesa (a ser comentada a seguir), além de recuperar, conforme salientado, o componente cultural que, por vezes, é pouco explorado no ensino de línguas, já que se enxerga o podcast como “um poderoso método de aprendizagem em muitos aspectos, como cultura e história das áreas onde a língua-alvo é falada<sup>10</sup>” (HASAN; HOON, 2013 p. 132, tradução nossa).

Até o momento, foi possível responder ao primeiro questionamento trazido quanto ao podcast como ferramenta de internacionalização que amplia a visão sobre o ensino de línguas estrangeiras, porém, com a língua materna, há espaço para internacionalizar? É válido salientar, inicialmente, que a discussão entre as questões relacionadas à internacionalização e ao vernáculo poderia encontrar empecilhos diante de uma abordagem da língua materna a partir de um prisma essencialista, pautado por uma percepção monolíngue acerca do idioma, o que seria fermentado, muitas vezes, por uma “ideologia linguística colonial da modernidade que equacionava uma língua a um estado-nação, ao ideal de pureza linguística e a sua manifestação sistêmica colaborando para construir ideologicamente inferioridades sociais e sociolinguísticas de várias naturezas” (MOITA LOPES, 2013, p. 29). Nessa linha de pensamento, a defesa de uma homogeneidade linguística distancia-se de uma realidade na qual as fronteiras se tornam cada vez mais porosas, em que os meios cibernéticos encurtam espaços geográficos longínquos, em que os fluxos transculturais e transnacionais tornam-se intensos. Na verdade, falar sobre internacionalização, uso de ferramentas digitais como veículo de promoção de atividades comunicativas que põem os sujeitos em contato, no interior de práticas interacionais situadas, demanda um olhar que considere as características de um

modo da compressão do tempo e do espaço, da tecnologia digital, dos choques e das mudanças socioculturais, das hibridizações de vários tipos (linguísticas, culturais, discursivas etc.), da hipersemiotização, da superdiversidade, da presença do chamado terceiro mundo no primeiro e vice-versa, dos fluxos entre fronteiras físicas e virtuais, entre outros processos com os quais nos deparamos continuamente (MOITA LOPES, 2013, p. 19).

10 No original: “a powerful learning method in many aspects such as culture and history of the areas where the target language is spoken”.

Nesse sentido, é necessário ter em vista não só a percepção das línguas em movimento, buscando sintonizar-se com as especificidades dessa leitura e as consequências oriundas dessa dinâmica, mas também como produto da afirmação anterior, a compreensão de uma Língua Portuguesa, no caso aqui focalizado, em sua pluralidade. A mistura linguístico-identitária é ressaltada frente à conjuntura estabelecida em um mundo globalizado, de maneira que os contatos entre os sujeitos são explorados, evidenciando as práticas que estimulam uma visão mais contextualizada dos usos linguísticos em detrimento da focalização da língua a partir da prescrição e/ou da descrição, unicamente, da estrutura interior daquela. Quando o enfoque recai sobre a realidade social do idioma,

a noção de que a língua poderia (ou deveria) ser homogênea é anti-intuitiva, esbarra logo de início na própria experiência de qualquer falante, que deverá desenvolver ao longo da vida uma série de habilidades para lidar com a diversidade das interações dentro do que considera ser sua própria comunidade linguística (LAGARES, 2018, p. 17).

Ter em vista essa “série de habilidades” pode advir de um olhar que preconiza o diálogo com o outro, que explora as diferenças, as rasuras não como forma de desabonar o que estaria às margens do que é considerado padrão e, sim, como via para o entendimento das ideologias que determinam dados comportamentos frente aos usos linguísticos. Por essa via, é possível considerar um caminho para a internacionalização, tendo como foco a imagem de uma Língua Portuguesa cada vez mais internacionalizada, produto de uma organização político-econômica multipolar.

Nesse ínterim, cabe refletir sobre qual seria o espaço ocupado pelo Português no “mercado de línguas”, entendendo, tal qual Lagares, que “a reflexão sobre as línguas é, *per se*, uma forma de intervenção sobre elas” (2018, p. 19, grifos no original). Para tanto, é importante que os holofotes não centralizem as mesmas posições de poder erigidas pela dinâmica colonizadora, a metrópole em relação às suas “periferias”. Torna-se relevante, por sua vez, que uma consciência linguística seja estimulada de modo que a pluralidade citada antes seja sentida pela abertura para outras manifestações da Língua Portuguesa, indo além do eixo eurocêntrico.

No *Entrelínguas* foi possível suscitar tal leitura, por exemplo, a partir do episódio 4 “Mande notícias do mundo de lá...”, em que as discussões sobre atividades de intercâmbio em países nos quais a Língua Portuguesa é tomada como idioma oficial possibilitaram uma abertura para o questionamento do local dado

às línguas crioulas em países como a Guiné-Bissau, país de onde advinha um dos convidados presentes no episódio. As experiências comentadas sobre o funcionamento das relações entre o crioulo e o Português no país referido, as políticas linguísticas<sup>11</sup> que fizeram e ainda fazem parte desse cenário, muitas vezes, como herança da sistemática colonizadora, são relevantes para estimular um olhar mais crítico sobre as instâncias de poder que propagam uma imagem purista acerca da língua. De igual forma, o olhar sobre os processos migratórios em territórios nos quais a Língua Portuguesa é mais presente impulsiona uma imagem mais tolerante com o outro, desviando-se das acepções maniqueístas de certo e errado para os usos linguísticos que divergiriam do que o falante brasileiro de uma dada região poderia entender como correto. Tal entendimento foi sublinhado também no episódio 2 “Que língua é essa que a gente fala?”, em que o olhar sobre as convenções linguísticas é acompanhado de uma avaliação das relações ideológicas que permeiam a eleição de uma dada forma em detrimento da outra, quando, mergulhando no processo histórico de formação dessa língua no Brasil, o “português brasileiro é, então, com a imigração africana e de outros imigrantes, um crioulo, cuja história pode ser descrita como de hibridizações” (MOITA LOPES, 2013, p. 50).

Por seu turno, reconhecer a pluralidade envolvida no âmbito da Língua Portuguesa, nesse caso, potencializou um olhar mais coerente com o cenário globalizado, com uma estrutura multicanal que o universo digital possibilita, bem como com uma perspectiva intercultural inerente à dinâmica linguística. Assim, foi possível, por meio do Entrelínguas, refletir sobre esses contatos entre falantes de um Português plural a partir de uma visão crítica acerca, sobretudo, das intervenções políticas realizadas para instigar uma imagem que suprime tal multiplicidade do olhar sobre a língua. Promover realizações como a analisada aqui permite entender ações de internacionalização como uma via para um olhar sobre a vida social, o qual requer, entre outros aspectos, o reconhecimento e o respeito à diversidade que caracteriza os sujeitos e o alinhamento de inúmeros saberes para a prática pedagógica, uma vez que fronteiras geográficas e outras delimitações espaciais e territoriais têm sido esgarçadas pelo contexto de democratização e aperfeiçoamento das ferramentas tecnológicas utilizadas dentro e fora das salas de aula.

---

<sup>11</sup> Conceito observado nessa escrita a partir do estudo de Lagares, no qual a política linguística significa uma “intervenção consciente sobre as ‘línguas’ ou sobre os usos linguísticos nos mais diversos níveis” (2018, p. 25). No episódio 5 do Entrelínguas (*El lugar del español en Brasil y en el mundo*), tal conceito é comentado.

#### 4 A ferramenta pedagógica sob o olhar das métricas

Tendo em vista as questões discutidas até o momento, torna-se importante destacar os resultados alcançados pelo *Entrelínguas* em sua primeira temporada, selecionando os aspectos que dizem respeito, principalmente, ao entendimento da produção como uma atividade de internacionalização. É válido salientar que, como aquele se encontra disponível para a escuta, os dados apresentados dizem respeito até o momento de escrita deste artigo.

De acordo com a Anchor, plataforma utilizada para distribuir o podcast, até o momento, o público do *Entrelínguas* é caracterizado como 53% feminino, 36% masculino, 1% não binário, enquanto 10% não especificou tal dado. Na questão etária, percebe-se que a faixa etária de 18 a 22 anos é predominante. Por sua vez, a próxima faixa etária na qual se encontra o maior número de ouvintes é a de 35 a 44 anos.

No que diz respeito ao alcance geográfico do podcast em foco, observou-se a presença de audições do *Entrelínguas* em países diversos, embora a concentração maior tenha ocorrido no Brasil, espaço no qual se deu o desenvolvimento da produção. Assim, além do seu local de nascimento, o *Entrelínguas* alcançou ouvintes de países como Portugal, Estados Unidos e França, além do território não incorporado dos EUA referente a Porto Rico. Nacionalmente, todas as regiões apresentaram ouvintes, embora a concentração maior tenha ocorrido no estado onde o podcast em foco foi criado, aspecto comum à elaboração desse tipo de produção.

É necessário sublinhar, por último, os resultados mais gerais alcançados, em termos de audiência pelo *podcast* em questão<sup>12</sup>. Em 1º lugar no ranking de escuta, até o momento, está o 2º episódio, com 382 reproduções. Faz-se a ressalva de que esse foi um dos episódios mais utilizados para fins didáticos pelos membros do projeto, por meio de atividades realizadas pelas professoras de línguas do campus, no IFRN. Em seguida, o episódio 1, com 104 escutas, e o episódio 3, com 96. Os episódios 4, 5 e 6 possuem, respectivamente, 38, 28 e 42 reproduções. Em números totais, o *Entrelínguas* alcançou a marca de 690 reproduções, dado que pode aumentar tanto pela continuidade da atividade, com a produção de novos episódios, ou ainda, para frisar as potencialidades educativas do programa, devido à utilização de tal material para a discussão de um dado tema, já que é possível considerar o *Entrelínguas* também como um material didático para a

12 Os títulos dos episódios que ainda não tinham sido citados nesta escrita compreendem o episódio 1 “¿Hola? Oi? Hello?” e o 6 “Pontes linguísticas entre a escola e a universidade”.

abordagem linguística em sala de aula.

Por conseguinte, sintonizado com as dinâmicas de um tempo em que predomina a transição, as identidades cambiantes, as relações interculturais, o Entrelínguas pode ser entendido como uma instância de diálogo educativo na qual as questões relacionadas ao ensino de línguas surgem de forma situada, contextualizadas com as urgências comunicativas do cenário contemporâneo. Por meio do uso de uma ferramenta tecnológica da oralidade, foi possível transpor fronteiras (cada vez mais porosas), conectando os sujeitos para a realização de ações que fomentaram a internacionalização, até mesmo revendo o senso comum acerca desse aspecto.

### **Considerações finais**

A partir da proposta do Entrelínguas, foi possível sair de uma compreensão linguística pautada por um conjunto de preceitos e normas imutáveis, permitindo entender as línguas em seu funcionamento, considerando-as como um *“fenômeno marcado pela heterogeneidade e variedade de registros, dialetos, idioletos, estilizações e uso muito variados de outras línguas em âmbito global”* (BRASIL, 2018, p. 486, grifos no original). Tal discernimento possibilitou um olhar para as diversas situações de uso, de comunicação, em que várias intenções entram em jogo na cena de interação global, aproximando indivíduos geograficamente distantes, ao mesmo tempo em que instiga a disseminação de um conhecimento mais conectado com as demandas da sociedade internacional. Tal leitura justificou-se, ainda, pela visão de que as línguas transcendem fronteiras e estimulam a reflexão para além destas, motivam a integração, o diálogo entre o local e o global, não só pela dinâmica inerente ao ensino de línguas estrangeiras, mas também pela conclusão de uma Língua Portuguesa plural em muitos sentidos e presente em diversos países para além do Brasil. Enfim, por meio da produção do “Entrelínguas”, deu-se a elaboração de um ambiente de aprendizagem, para além dos locais assim convencionalmente caracterizados, permitindo enxergar as questões linguísticas de uma forma mais “descomplicada” e, assim, aproximar os ouvintes que, porventura, apresentem questionamentos sobre tal universo, mas o veem, muitas vezes, distantes de suas possibilidades formativas.

## Referências

- BEELEN, J.; JONES, E. Redefining Internationalization at Home. In: CURAJ, A. et al. **The European Higher Education Area: Between Critical Reflections and Future Policies**. Nova Iorque: Springer, 2015. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/978-3-319-20877-0.pdf>. Acesso em: 28 maio 2022.
- BRASIL. **Levantamento das ações de internacionalização e resultados do GT de políticas públicas de internacionalização da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica**. Brasília: Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica/Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/maio-2018-pdf/87481acoes-de-internacionalizacao/file>. Acesso em: 30 maio 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CAVALCANTE, R. P. et al. Estratégias para internacionalização dos Institutos Federais: cultura e língua. **Nexus Revista de Extensão do IFAM**, v. 1, n. 1, p. 95-101, 2015. Disponível em: <https://www.ifpb.edu.br/relacoes-internacionais/assuntos/Documentos/ri-internacionalizacao/estrategias-para-internacionalizacao-dos-ifs.pdf>. Acesso em: 20 maio 2022.
- FINARDI, K. R. et al. Internacionalizações em dois loci de enunciação: o sul e o norte global. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 22, n. 3, p. 591-611, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8659311>. Acesso em: 27 de maio. 2022.
- FORINTER - Fórum de Relações Internacionais. **Política de Relações Internacionais dos Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia**. Brasília: 2009. Disponível em: <https://www.ifpb.edu.br/relacoes-internacionais/assuntos/Documentos/ri-internacionalizacao/forum-de-relacoes-internacionais-dos-institutos-federais/view>. Acesso em: 20 maio 2022.
- FREIRE, E. P. A. **Podcast na educação brasileira: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação**. Natal, 2013. 338 p. Tese (Doutorado em Educação). Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: [https://www.repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/14448/1/PodcastEduca%C3%A7%C3%A3oBrasileira\\_Freire\\_2013.pdf](https://www.repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/14448/1/PodcastEduca%C3%A7%C3%A3oBrasileira_Freire_2013.pdf). Acesso em: 07 jan. 2021.
- GUEDES, P. C. **A formação do professor de português: que língua vamos ensinar?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- GUIMARÃES, F. F.; FINARDI, K. R. Interculturalidade, internacionalização e intercompreensão: qual a relação? In: **Ilha do Desterro**, v. 71, n. 3, p. 15-37, set.-dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/2175-8026.2018v71n3p15/37250>. Acesso em: 27 maio 2022.
- GUIMARÃES, F. F. et al. Internationalization at Home, COIL and Intercomprehension: For More Inclusive Activities in the Global South. In: **SFU Educational Review**, 12(3), p. 90-109, 2019. Disponível em: <https://journals.lib.sfu.ca/index.php/sfuer/article/view/1019>. Acesso em: 28 maio 2022.
- HASAN, M.; HOON, T.B. Podcast applications in language learning: A review of recent studies. **English language teaching**, v. 6, n. 2, p. 128-135, 2013. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/full-text/EJ1076962.pdf> Acesso em: 29 maio 2022.
- IFRN. CONSUP. **Resolução 22/2019**, de 14 de maio de 2019. Aprova o Plano de Desenvolvimento Institucional IFRN, 2019 - 2026. Disponível em: <https://portal.ifrn.edu.br/conselhos/consup/resolucoes/2019/resolucao-no-22-2019/view>. Acesso em: 28 maio 2022.
- KNIGHT, J. Updated Definition of Internationalization. In: **International Higher Education**, n. 33.

2003. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/7391/6588>. Acesso em: 28 maio 2022.

KNIGHT, J. Internationalization remodeled: definition, approaches and rationales. In: **Journal of Studies in International Education**, v. 8, n. 1, p. 5-31. 2004. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1028315303260832>. Acesso em: 20 maio 2022.

KNIGHT, J. The internationalization of higher education scrutinized: international program and provider mobility. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 22, n. 54, p. 176-199, ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/xr4BCZZJq5rsLYRhyrzPhBd/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 28 maio 2022.

LAGARES, X. C. **Qual política linguística?:** desafios glotopolíticos contemporâneos. São Paulo: Parábola, 2018.

LEE, L. Promoting intercultural exchanges with blogs and podcasting: A study of Spanish-American telecollaboration. **Computer Assisted Language Learning**, v. 22, n. 5, p. 425-443, nov. 2009. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/248906904\\_Promoting\\_intercultural\\_exchanges\\_with\\_blogs\\_and\\_podcasting\\_A\\_study\\_of\\_Spanish-American\\_telecollaboration](https://www.researchgate.net/publication/248906904_Promoting_intercultural_exchanges_with_blogs_and_podcasting_A_study_of_Spanish-American_telecollaboration). Acesso em: 29 maio 2022

LEE, L.; MARKEY, A. A study of learners' perceptions of online intercultural exchange through Web 2.0 technologies. **ReCALL**, v. 26, n. 3, p. 281-297, set. 2014. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/recall/article/abs/study-of-learners-perceptions-of-online-intercultural-exchange-through-web-20-technologies/80D717FF586B95A6C2216442BA473425>. Acesso em: 29 maio 2022.

LIMA, S. C. Internationalization from a Dialogical Perspective: A Responsibility of the Federal Network of Professional, Scientific and Technological Education. In: **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [s.l.], v. 1, n. 20, p. 1-13, set. 2021. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/12004/pdf>. Acesso em: 28 maio 2022.

LUIZ, L.; ASSIS, P. de. O *Podcast* no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 9, 2010, Caxias do Sul. **O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais**. Caxias do Sul, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0302-1.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2021.

MOITA LOPES, L. P.da. Introdução. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.). **Português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

SILVA, H. W. da; MOREIRA, K. C.; CAMILO, M. H. C. Internacionalização do IFRN: da política institucional à prática no campus. In: TABOSA, W. A. F. *et al.* (Org.). **IFRN 10 anos de criação em mais de um século de história**. Natal: IFRN, 2019. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1763>. Acesso em: 27 maio 2022.

STALLIVIERI, L. *et al.* A internacionalização da Rede Federal de Educação Tecnológica: uma abordagem sobre a estrutura administrativa. **Práticas em Gestão Pública Universitária**, v. 3, n. 1, p. 58-74, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/pgpu/article/view/17851>. Acesso em: 26 maio 2022.

## Sobre as autoras

**Ana Cristina Pinto Bezerra** - Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, com área de concentração em Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Apodi-RN, sendo líder do Núcleo de Linguagens e Códigos (NULIC). E-mail: cristina.bezerra@ifrn.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2431190241464768>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0001-9934-1072>.

**Wigna Thalissa Guerra** - Mestre em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO) da Associação IFRN/UERN/UFERSA. É professora de língua inglesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Apodi-RN, membro do Núcleo de Linguagens e Códigos (NULIC) e do Grupo de Ensino-Aprendizagem de Línguas (GEL). E-mail: wigna.guerra@ifrn.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2225896236757389>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0001-6038-1480>.

**Sabrina Guedes Miranda Dantas** - Mestre em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO) da Associação IFRN/UERN/UFERSA. É professora de língua inglesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Apodi-RN, sendo vice-líder do Núcleo de Linguagens e Códigos (NULIC) e membro do Grupo de Ensino-Aprendizagem de Línguas (GEL). E-mail: sabrina.guedes@ifrn.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2961921072494732>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-3878-1442>.